
Análise e Criação Semiótica de História em Quadrinhos: A Guerra Infinita Pela Busca da Equidade Entre os Gêneros¹

Fernanda ZANCANARO²

Maikelly Ribas KURPEL³

Mariáh de Oliveira D'AVILA⁴

Jozieli CARDENAL⁵

Faculdade de Pato Branco (FADEP), Pato Branco, PR

RESUMO

Este artigo busca analisar semioticamente uma história em quadrinhos, desenvolvida especificamente para esta pesquisa teórica, onde a técnica de construção e reconhecimento de signos foi aplicada no processo de criação e análise. Através desta, abordou-se o tema da equidade entre os gêneros para integrar as técnicas comunicacionais em contextos de cunho social, buscando agregar a visão acadêmica sobre aspectos intrínsecos em nossa sociedade, valendo-se de teóricos semióticos e seus conceitos sógnicos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; História em Quadrinhos; Semiótica; Publicidade e Propaganda.

1 Introdução

Nossa sociedade, há milênios, se apresenta em essência patriarcal. Isso se apresenta como dominação simbólica dos homens sobre mulheres, de um gesto não velado sob o poder conveniente que lhes é conferido por esta condição da organização social. Dessa forma, a imagem construída ao longo dos anos fez com que as mulheres fossem vistas enquanto objeto sexual, submetidas exclusivamente às vontades dos homens. O patriarcalismo “é caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura.” (BARRETO, 2004, p.64)

¹ Trabalho apresentado na IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante do 7º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Pato Branco (FADEP), email: fern.zancanaro@gmail.com.

³ Estudante do 7º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Pato Branco (FADEP), email: maikellyribasfotografia@gmail.com.

⁴ Estudante do 7º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Pato Branco (FADEP), email: madavila95@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Profa. Ma. do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Pato Branco (FADEP), email: jozieli@fadep.br.

A dominação masculina é uma violência simbólica, invisível às suas próprias vítimas, que aos poucos se infiltra no pensamento e na concepção de mundo. Essas concepções levam a pensamentos precipitados, ou seja, mesmo quando acredita-se que há a liberdade de pensar, de formular opiniões, não percebe-se que esse pensamento está marcado por críticas alheias, interesses e principalmente preconceitos (BOURDIEU, 2002, p.07). Afinal:

[...] funções iguais, salários e direitos iguais; igualdade de oportunidades no acesso ao mercado de trabalho e à ascensão e aprimoramento profissional. Todas essas bandeiras são parte do processo de conscientização da mulher de seu próprio valor e da necessidade de que ela se coloque como agente da sua liberação. (MOREIRA, 2007, p. 65, *apud* LAUSCHNER; CAVALCANTE; TORRES, 2012, p.03)

Mas, o contraponto vem sendo exposto e vivenciado pelas mulheres, graças, primordialmente, ao movimento feminista, que vem há décadas reivindicando os direitos de todas as mulheres, rompendo as primeiras barreiras e abrindo caminho para uma legião de mulheres dispostas a lutar por suas próprias vidas. A contribuição para a reversão das desigualdade de gêneros acontece pois “o movimento feminista surge com a intenção de romper com a ordem patriarcal, denunciando a desigualdade entre homens e mulheres buscando direitos igualitários e mais humanos para as mulheres.” (OLIVEIRA; CASSAB; 2014, p.02) É exatamente isto que propomos no título e enredo da HQ “Guerra Infinita”, devido essa luta constante.

A HQ criada e analisada com base em teorias da semiótica aplicada, bem como no presente artigo, utilizando-se da construção simbólica de sentido, por meio da concepção do signo semiótico, buscou-se promover um diálogo entre a obra de Charles Sanders Peirce, Lucia Santaella e Mikhail Bakhtin. O objetivo é demonstrar a aplicabilidade da teoria dos signos e sua relação com os campos sociais abordados pela análise dialógica do discurso, demonstrando, a partir de uma história em quadrinhos de caráter experimental, que boa parte das gerações vivas, hoje, experienciaram este modelo de sociedade desde seu nascimento e a mudança desse paradigma, de dominação masculina, nem sempre é fácil ou bem-vinda. Isso faz com que o que é de direito, vire motivo de luta diária; uma guerra conceitual e simbólica.

A escolha por construir a problemática e o enredo através de uma HQ surgiu devido a linguagem simbólica ser facilmente aplicada e construída através dela. “os quadrinhos têm

sido tratados pela sociedade como uma subliteratura e, ainda mais, como uma linguagem nociva ao desenvolvimento psicológico e cognitivo de quem a consome.” (PENTEADO, 2007, p.06) A versatilidade e as possibilidades que ela apresenta foram primordiais para falar sobre este assunto tão pertinente que é o machismo e o feminismo andando lado a lado na sociedade atual. Afinal, as HQs, enquanto gênero discursivo, configuram-se como “[...] um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelo desenho; a linguagem escrita”, (CAGNIN, 1975, p. 26).

Para tanto, a seguir, o leitor será conduzido a refletir sobre a problemática lançada, por meio de 4. tópicos que apresentam a teoria, o método e revelam de que forma este artigo foi organizado, bem como as etapas de análise da referida HQ. No tópico primeiro, intitulado “O conceito de signo aplicado na criação do enredo”, apresenta-se de que forma a semiótica, à partir da aplicabilidade do conceito de signo, foi inserida, de forma direta, no processo de criação, para posterior análise de uma história em quadrinhos de caráter experimental produzida para o meio acadêmico.

No tópico terceiro, intitulado "Procedimentos metodológicos utilizados na criação da HQ", foram exemplificadas as etapas de concepção e criação da HQ apresentando os principais signos norteadores da construção de sentido proposta, em que a semiótica aparece como método de análise, o que é apresentado no tópico quarto, intitulado "Análise da História em Quadrinhos "Guerra Infinita"". Nele, revela-se a concretude da proposta do presente artigo, em que cada quadro da presente composição é analisado com base na semiótica Pierciana e Bakhtiniana.

2 O conceito de signo aplicado na criação do enredo

Quando abordamos a perspectiva da luta pela equidade entre os gêneros, propomos de uma das formas mais caricatas e chamativas, justamente para captar a atenção do público e manter o subentendimento destes signos na interpretação individual, deixando signos explícitos, assim como signos intrínsecos, para que o desconforto seja gerado na proporção em que o tema participa do contexto de cada leitor.

A ideia de criar a alusão a heróis e vilões se dá na necessidade de mostrar as diferentes perspectivas que temos sobre o assunto dentro de um mesmo contexto social. De um lado, trazemos o conservadorismo como um herói - um herói que não salva e, pelo contexto da história, acaba por se tornar um dos vilões, por deter uma visão antiquada aos novos princípios construídos baseados na equidade. Do outro lado, temos uma heroína, que vem com as novas perspectivas feministas de libertação e igualdade, livrando a coadjuvante dos males da sociedade conservadora patriarcal.

Nesse sentido, o filósofo Charles Sanders Peirce, considerado um dos principais estudiosos da semiótica, cuja obra contribui para a construção da semiótica moderna, caracterizou o processo de construção simbólica de sentido em três fases, pontuando a relação entre o sujeito interpretante e o seu objeto social: primeiridade, secundidade e terceiridade. Afinal, para ele, “[...] tudo que aparece à consciência, assim o faz numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência”, (SANTAELLA, 1983, p.34-35).

Na primeiridade, configura-se à consciência imediata, a primeira impressão diante do objeto da interação, que neste estágio ainda não foi interpretado em seu contexto (SANTAELLA, 1983, p.50). Na secundidade, o objeto torna-se signo, pois a experiência demonstra a materialidade do fenômeno, sua relação espacial e social. Na terceiridade, a interpretação e a associação de ideias atinge o estágio mais profundo e complexo da interação, cuja representação do objeto-signo, para o interpretante, configura-se como uma relação individual, social e simbólica (SANTAELLA, 1983, p.51).

Por isso, os fenômenos sociais são essenciais, funcionam como *corpus* de análise para a semiótica enquanto ciência da vida social, pois, “[...] descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano” (SANTAELLA, 1983, p.32). Portanto, a experiência é o existir da concepção signa, pois o interpretante só conclui o ciclo da interação, bem como reconhece a função do signo em dado contexto, por estar condicionado a viver em constante interação e experiência social. Santaella (1983) exemplifica que:

Quando qualquer coisa, por mais fraca e habitual que seja, atinge nossos sentidos, a excitação exterior produz seu efeito em nós. Tendemos a minimizar esse efeito porque

nossa resposta a ele é, no mais das vezes, indispensável. É o nosso estar como que natural no mundo, corpos vivos, energia palpitante que recebe e responde. No entanto, quaisquer excitações, mesmo as viscerais ou interiores, imagens mentais e sentimentos ou impressões, sempre produzem alguma reação, conflito entre esforço e resistência. Segue-se que em toda experiência, quer seja de objetos interiores ou exteriores, há sempre um elemento de reação ou segundo, anterior à mediação do pensamento articulado e subseqüente ao puro sentir. (SANTAELLA, 1983, p.48)

Assim, o processo de interação sónica é constante. Santaella diz que o reconhecimento, a representação e a interpretação de um signo, requer o resgate de outro signo (SANTAELLA, 1983, p.58-59). É possível reconhecer, diante disso, o dialogismo inerente à obra de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, que exemplifica a experiência humana enquanto um processo dialógico e discursivo, pois “[...] compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos”, (BAKHTIN, 2014, p.34).

Portanto, o signo é construído em sociedade. Todavia, evidencia-se o caráter ideológico da interpretação, pois mesmo que o resultado da experiência, na consciência de cada indivíduo, seja algo particular, a materialidade do pensamento e da sua representação resulta de um elo de experiências que constitui o interpretante enquanto ser social, este que, por sua vez, representa um campo social específico. Afinal, “ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor simbólico”, (BAKHTIN, 2014, p.32-33). Essa condição é evidenciada no trecho a seguir:

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. *É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral.* (BAKHTIN, 2014, p.33, grifo do autor)

Sendo assim, é preciso reconhecer que a compreensão e representação do signo social é uma interação complexa e ideológica, em que a associação sónica está inserida em uma arena e sua materialidade também revela a luta de classes e de discursos sociais predominantes (BAKHTIN, 2014, p.48), cujo fluxo de propagação altera-se na medida em que a

língua, enquanto produto da vida social, move-se por fazer parte de um ecossistema que também é movente e segue em constante transformação: a sociedade.

3 Procedimentos metodológicos utilizados na criação da HQ

A história inicia dramaticamente: com uma perseguição. No quadro seguinte, entende-se que a personagem merecia e pedia pela violência que estava prestes a ser cometida contra sua integridade física. Então, aparece seu primeiro (falso) salvador, negando-se a ajudá-la, já que o corpo à mostra, para ele, sugeria que a mulher estava se propondo aquele tipo de situação, mesmo gritando por socorro e negando o abuso, ela havia “pedido” por aquilo. Isso revela histórias reais, trazidas de forma metafórica e caricata para os quadrinhos, para ilustrar o drama pelo qual milhares de mulheres ainda precisam lidar todos os dias.



Imagem 1: HQ "Guerra Infinita", criada pelas autoras do presente artigo.

No dicionário, a palavra estereótipo significa um comportamento que é basicamente “algo que se adequa a um padrão fixo ou geral” (HOUAISS, P 1252, 2001). A história, intitulada Guerra Infinita, possui 4 personagens baseados em estereótipos sociais, bem como na concepção de signo enquanto resultado da vida social, como apresentado no tópico anterior:

1. A mulher de vermelho: Esta personagem se destaca pela cor vermelha, presente tanto em sua roupa como em seu batom e suas unhas.
2. O Porco Chauvinista: representando o machismo em sua mais pura forma, o que se percebe de forma muito clara na sua fala, quando culpa a mulher pela perseguição, e diz que a mesma não merece ser salva, baseado em suas vestes.
3. O Agressor: neste caso o homem está perseguindo a mulher, com conotação sexual em sua fala de reivindicação, causando pânico na mulher. Este personagem vem para mostrar a falta de senso de segurança que as mulheres sentem o tempo todo na rua.
4. Heroína Uterina: A figura de herói se reflete na figura feminina, neste caso também feminista, e que se chama Uterina. Seu nome surge a fim de referenciar a força da mulher com sua maior característica física e biológica mais marcante, o útero. Que dá a mulher o poder de gerar vida. Uterina aqui representa a força das mulheres e a sororidade entre elas. O desenho foi inspirado na arte de Amanda Sage, uma artista que, através desta pintura chamada Ana Suromai, tentou resgatar o poder feminino de forma intensa, retratando um ato recorrente chamado *Anasyrma*, ligado especialmente ao Exibicionismo, onde consiste em levantar as vestes - não para causar excitação, mas sim o choque do espectador. Dessa forma, a releitura feita na ilustração objetiva chocar o leitor, em contraponto à conotação sexual abordada nos quadros anteriores ao aparecimento desta personagem, de forma que venha fazê-lo refletir sobre o estigma do "sexo frágil" e depara-lo com o poder assumido pelas mulheres hoje.

Bakhtin (2014) explica que todo corpo físico, em sua naturalidade, pode ser percebido como um símbolo. Ele segue a linha de raciocínio e diz que o significado simbólico criado para o corpo físico, neste caso o estereótipo, também se torna um signo. Isso fica claro quando ele diz:

[...] toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade. (BAKHTIN, 2014, p.21)

Assim, podemos perceber que cada personagem foi desenhado para referenciar uma situação real do contexto social no qual vivemos, nos valendo totalmente da carga signífica dos estereótipos apresentados, para que a interpretação dos mesmos se torne de fácil acesso e gere identificação, apesar do teor fantasioso embutido nos personagens reais, cujo foi opção para escandalizar uma situação rotineira e muitas vezes velada, tanto pelos agressores quanto pelas vítimas.

4 Análise da história em quadrinhos “Guerra Infinita”

O conceito principal da história em quadrinhos, que se chama Guerra Infinita, busca referenciar a guerra social entre o feminismo e machismo que vivemos a tantos anos. O objetivo principal foi demonstrar na prática como acontecem situações machistas, que põem em risco a segurança da mulher, em uma situação extrema, e se apropriando de estereótipos, o que torna o entendimento do público alvo, para com a questão, muito fácil. Pois vale destacar que atitudes machistas extremistas causam problemas sociais muito sérios, que passam por estupro, abuso e outras situações mais.

A abordagem é bastante impactante, e isso se percebe não só na figura dos personagens como nas cores usadas e nas falas de cada um dos personagens. O público deste conteúdo, se concentra em homens e mulheres a partir de seus 16 anos, considerando a importância de seu assunto, em contraponto com a construção do enredo. O conteúdo é bastante óbvio do início ao fim, e isso se reflete fortemente não só na imagem, como no texto.

Em síntese: existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo. (SANTAELLA, 1983, p.06)

Ambos estão muito entrelaçados, e se confirmam através das cores usadas. A construção simbólica de cada um dos personagens, faz deles signos sociais, pois os mesmos são construídos e baseados em estereótipos sociais.

4.1 Quadrinho 1: A perseguição

No primeiro quadro, ilustra-se uma cena de perseguição, onde uma mulher foge desesperadamente de um homem que a quer, em busca de ajuda - de outro homem. Podemos perceber que a mulher veste um justo e curto vestido, deixando suas pernas à mostra, juntamente de um salto alto de mesma cor.

[...] o vermelho pode ter conotações negativas, como símbolo de impureza, de violência e de pecado. Conecta-se a todos os tabus sobre o sangue herdados da Bíblia. É o vermelho da carne impura dos crimes de sangue, dos homens revoltados. É a cor da cólera, da mancha e da morte. Pode ainda ser ligado positivamente como em Pentecostes - cor do fogo do Espírito Santo. É ao mesmo tempo uma luz e um sopro. Brilha, aquece, ilumina, como o sol. É a cor do amor e do erotismo. Como cor da atração e da sedução se materializa nos lábios vermelhos. É a cor dos chamados "pecados da carne", dos tabus e das transgressões. (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 99)

Por décadas, esse estereótipo foi associado às mulheres que não eram dignas de casamento ou família, às mulheres que seduziam maridos fiéis à luxúria, que não se davam o devido respeito imposto pela sociedade. Dessa forma, trazemos uma mulher livre e atual, tentando fugir desse estigma enraizado, personificado no agressor, onde grita a fala: "Você vai me dar", trazendo a conotação sexual ao tom que esta fala é somada ao vestido vermelho e a imagem da mulher. Ao fundo, temos a placa de "PARE" que aqui se torna um signo de segundo plano, já que não representa apenas a sinalização da rua, como também um apelo silencioso das mulheres para com os agressores.



Imagem 2: Primeiro quadro da HQ.

4.2 Quadrinho 2: A transformação, partindo do julgamento da vítima e não do agressor

Neste segundo momento, podemos perceber uma explosão que transforma a opinião do homem, que se dispôs a ajudar a mulher de vermelho no quadro anterior, em nosso personagem Porco Chauvinista. Ele representa o conceito de machista, misógino e antiquado, e se indis põe a ajudar a mulher quando percebe sua roupa curta e provocante e atribui a culpa da agressão à própria. Desta forma, reforça-se o padrão comportamental de culpar a vítima e não o agressor, tentando justificar as ações abusivas de figuras masculinas por atos e roupas femininas que nada dizem sobre suas vontades, afinal, não é não e não há nada que possa justificar uma agressão, seja ela em quaisquer níveis ou contextos.

Traz-se na fala, ainda neste quadro, uma sutil representação do discurso presidencial diante das mídias neste ano de 2019. Considerando todos os noticiários e envolvimento em declarações tão chauvinistas quanto as do personagem, pareceu adequado inserir esta alusão a mais uma situação social recorrente e impactante como suporte neste signo. As controvérsias nas ações e falas tem impactado todos os contextos sociais e trazido grandes prejuízos de tempo e dinheiro para o país.

As cores utilizadas neste quadro, principalmente o azul, trazem a sensação do vazio e do distanciamento, como forma e signo complementar aos principais. Afinal, o personagem tem seu papel na ausência do auxílio, na omissão de seus serviços à partir da sua concepção cultural e ideológica sobre a figura feminina enquanto ser subserviente ao homem.

[...] a cor é uma realidade sensorial à qual não podemos fugir. Além de atuar sobre a emotividade humana, as cores produzem uma sensação de movimento, uma dinâmica envolvente e compulsiva. Vemos o amarelo transbordar de seus limites espaciais com uma tal força expansiva que parece invadir os espaços circundantes; o vermelho embora agressivo, equilibra-se sobre si mesmo; o azul cria a sensação do vazio, de distância, de profundidade. (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 85)



Imagem 3: Segundo quadro da HQ.

4.3 Quadrinho 3: A falta de apoio social e esperança das mulheres agredidas

Este grito de socorro, neste quadrinho, representa um forte apelo social, da parte das mulheres, pela falta de segurança que sentem, e razão pela qual sofrem, pois ainda, infelizmente, é extremamente comum que mulheres sejam agredidas, mesmo que as denúncias sejam feitas. A cor vermelha se destaca aqui novamente, como um signo bastante forte representando o estereótipo feminino criado a partir do patriarcalismo.



Imagem 4: Terceiro quadro da HQ.

4.4 Quadrinho 4: Uterina Heroína: Alusão ao poder da união

Aqui, no quarto quadro, a heroína vem para representar a forma da união das mulheres e a sororidade, que é tão necessária entre elas. Seu nome, tão forte e voltado para a biologia feminina, a transforma em uma heroína com apelo a realidade muito forte, já que mostra que a força da mulher está dentro dela, em sua essência, em seu corpo e em sua mente. Ela traz a essência do feminismo consigo, afinal, foi ele que livrou e ainda livra mulheres para serem donas de suas próprias vidas e exercerem seu direito como seres humanos iguais.

Partindo da fala de Bakhtin (2014, p.22), ao explicar que “tudo que é ideológico possui um valor semiótico”, a heroína da história fica fácil de ser compreendida. Isso porque, ao perceber que Uterina representa a sororidade, que é ligada inegavelmente ao movimento ideológico do feminismo, a personagem se torna o valor semiótico do próprio feminismo dentro da história.

Além do mais, a forma como a personagem é construída, tem o sentido fortemente exposto quando se leva em conta o fato de que o signo em si “e todos os seus efeitos [...] aparecem na experiência exterior”, (BAKHTIN, 2014, p.23). E isso inclui todas as ações e reações, juntamente dos novos signos criados pela ideologia, que são gerados e tomam conta do meio social. O vestido de cor verde que predomina o quadro é propositalmente relacionado à esperança, visto que a personagem seria a última a trazê-la para a história, se valendo do simbolismo que o verde tem em nosso contexto cultural.

Mistura do amarelo e azul, contém a dualidade do impulso ativo e a tendência ao descanso e relaxamento. É um sedativo que dilata os vasos capilares e tem efeito de reduzir a pressão sanguínea, suas radiações acalmam as dores nevralgias e resolvem alguns casos de fadiga nervosa, insônia etc. (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 101)



Imagem 5: Quarto quadro da HQ.

4.5 Quadrinho 5: Sexo frágil: A metáfora da cobra

Aqui, no quinto quadro, usou-se a inversão de estereótipos. Por muito tempo o sexo feminino foi subjugado como o "sexo frágil", muito pela delicadeza e graciosidade que lhes

era imposto e pelo seu papel dentro de casa, protegida, amparada e submissa aos homens de sua família ou marido. A partir disso, usou-se uma cobra para prender os vilões - uma cobra metafórica, que em âmbito informal contém conotação sexual. Aliando a visão antiquada e machista sobre as mulheres, estendemos esse conceito a outros homens, que é quando sua masculinidade heteronormativa é ameaçada por homens homossexuais, onde qualquer sinal de proximidade poderia gerar fraqueza e alta aversão, tornando a homofobia, neste quadro, parte da discussão e tema abordado.



Imagem 6: Quinto quadro da HQ.

4.6 Quadrinho 6: Sororidade em ação

Sororidade, é um termo fortemente ligado ao movimento do feminismo, é de extrema importância nesta história em quadrinhos. Suely gomes Costa descreve perfeitamente a palavra e explica sua conexão com o movimento do feminismo. Ela ressalta que ele equilibra e conscientiza as diferenças entre mulheres, pois busca o fim da competição entre as mesmas, através da união pela causa que as une.

Na noção de “sororidade”, conformam-se a homogeneização e a ocultação das diferenças e desigualdades entre as mulheres. Essas revisões decorrem da crescente tomada de consciência das diferenças e desigualdades no que concerne ao enquadramento político; à posição de classe; às circunstâncias raciais/étnicas; às distâncias de geração e ideológicas. No Brasil, esse debate, restrito a alguns círculos, mantém-se lacunar no que tange à avaliação de impasses dos feminismos, organizações sempre imaginadas como de defesa de doutrinas igualitárias. (COSTA, p 25, 2004)

Justamente por esta razão, o signo principal deste último quadro é a imagem de duas mãos dadas, das duas personagens mulheres da história, juntas. Mostrando união e força, na continuidade da luta pela igualdade, pelos direitos e pela segurança de milhares de mulheres.

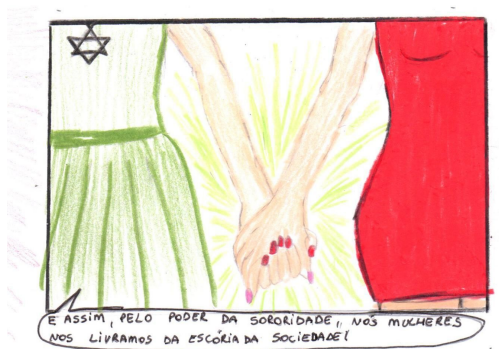


Imagem 7: Sexto quadro da HQ.

A palavra sororidade tem um apelo bastante forte entre as mulheres, e ela incita entre tantas coisas, respeito entre as mesmas, promovendo união. Por essa razão a imagem que finaliza a história tem um significado profundo de ligação entre as mulheres, pela história que o gênero carrega e constrói através dos anos.

Conclusão

Na Publicidade, a técnica das histórias em quadrinhos aparece nos storyboards e eleva o padrão da produção audiovisual. Mas, muito além disso, as HQ's sempre fizeram parte do imaginário de todas as pessoas ou, até mesmo, retratando situações cotidianas em pequenas tiras caricatas nos jornais. No desenvolvimento, o objetivo foi colocar em prática diversas nuances interdisciplinares, adquiridas no decorrer do curso de Publicidade e Propaganda, reconhecendo a relação que a análise semiótica exerce em contextos narrativos em que texto e imagem são associados.

Como já evidenciado, toda a criação da história em quadrinhos intitulada Guerra Infinita, os personagens carregam grande parte do significado que a história estampa. Isso porque os mesmos foram construídos e baseados em estereótipos. Tais clichês, que mesmo depois de anos, perpetuam em conversas no meio social. Estereótipos que não representam a verdade, e que são tóxicos, uma vez que, na maior parte das vezes acaba se tornando violência verbal, e por vezes até física. As cores tem um apelo bastante forte também, pois evidenciam as cenas, e os próprios personagens a cada quadro.

A abordagem deste assunto é relevante, pois, evidencia a verdadeira batalha que é travada dia após dia entre o Feminismo e o Machismo e o fato de estar ilustrada em uma

história em quadrinhos dá brecha para que as figuras sejam expostas de modo exagerado, a fim de chamar a atenção e provocar a reflexão do que realmente é verdadeiro e recorrente. Mas, mais que mostrar que acontece, ele ressalta que o extremismo dos discursos patriarcalistas e machistas, são abusivos e perigosos. Ele carrega certa desumanidade, pois deixa de olhar para a mulher como ser humano e a torna um objeto sexual.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARRETO, M. P. S. L. **Patriarcalismo e feminismo: Uma retrospectiva histórica**. Revista Ártemis. Vol 01, Dezembro de 2004.
- BASTOS, D.; FARINA, M.; PEREZ, C. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. Editora Edgard Blucher, São Paulo, 2006.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11º ed. Rio de Janeiro, 2002.
- CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**. Editora Ática, 1975.
- CAVALCANTE, M.; LAUSCHNER, M. C. X. G. S.; TORRES, I. C.. **Mulher e Mercado de Trabalho: Conquistas, Drama e Sofrimento**. IV Seminário de Trabalho e Gênero - Protagonismo, ativismo, questões de gênero revisitadas, 2012.
- COSTA, S. G. **Movimentos feministas, feminismos**. Revista Estudos Feministas, vol. 12. Santa Catarina, 2004.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Estereótipo**. Objetiva. Rio de Janeiro, 2001.
- OLIVEIRA, L. P. R; CASSAB, L. A. **O movimento feminista: Algumas considerações bibliográficas**. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.
- PENTEADO, M. A. **Desvelando o universo das histórias em quadrinhos: Uma proposta de ação**. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/> . Acessado em: 23 de maio de 2019, às 14h.
- SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. Editora Brasilienses, 2003.
- SAGE, A. Ana Suromai - egg tempera, casein and oil on linen - 2005-11. In PAINTINGS 2012 - 2008. Disponível em: <http://www.amandasage.com/2012---2008.html>. Acesso em: 28 de abril de 2019, às 15h.